

Quilombo Veiga: Cultura quilombola no sertão do Ceará

Emanuely Ferreira de Oliveira¹

Marlene pereira dos Santos²

Resumo:

De uma forma sucinta, o artigo objetiva-se mostrar a História, desafios e cultura da comunidade quilombola Veiga de Quixadá-CE, localizada na região do sertão central cearense. Em meio às primeiras visitas realizadas na comunidade, narra-se as primeiras impressões e características sentidas pelas pesquisadoras ao serem recepcionadas pela comunidade em outubro de 2012. A comunidade foi certificada em novembro de 2009 e é pouco conhecida em História e tradição, guardando tradições centenárias como a dança de São Gonçalo e uma História mesclada com a História da pequena vila, hoje distrito, de Dom Maurício em Quixadá, uma História de religiosidade e africanidade casadas com o modo sertanejo de ser e encarar o mundo, esforçando-se para manter a tradição e cultura verso as intempéries do semiárido.

O trabalho objetiva-se a apresentar a realidade da Comunidade Veiga, sua tradição e cultura, casadas com a História e tradições locais, em um misto entre a africanidade e o catolicismo que se mesclam e estão presentes na crença e no dia-a-dia do quilombo. A comunidade guarda e preserva resquícios da tradição dos seus ancestrais como a oralidade e a dança de São Gonçalo trazida para a comunidade a mais de cem anos e qual é mantida de geração em geração pela mesma. Sua História é um retrato do que vem a ser uma “associação de homens abertos a todos” (MUNAGA, 2004, p.71), um misto de culturas e tradições que fizeram da História do quilombo Veiga diversa e singular com a contribuição de muitas famílias que vieram e foram acolhidas no sítio Veiga e contribuíram para que é hoje o quilombo Veiga.

No decorrer de nossas visitas e entrevistas na comunidade Veiga, podemos conhecer e aprofundar sua História, através da lembrança dos mais velhos, nos foi descrito as primeiras famílias, quem consigo trouxe a dança de São Gonçalo, os costumes mantidos, os desafios como quilombolas, suas peculiaridades no que diz respeito a religiosidade, organização e família.

Palavras-Chaves:

Cultura Quilombola. História. Tradição e africanidade no semiárido.

Abstract:

The article has the objective to show the History, challenges and the culture of the quilombo Veiga community in Quixadá-CE, at the Sertão Central of the Ceará. In our first visit in the community, we tell our first impressions and characteristics observed during our visits on the October, 2012. The community was certified on the november 2009 and the their history is not known between the cities of the region. The their History and tradition are centennial as São Gonçalo dance and its religiousness mixed with the local History of county Dom Mauricio and the African culture.

The work shows the daily of the community, their tradition and culture mixed with the History and local traditions where the African culture and catholic religiousness are presents and merged. The ancestry is present through orality and São Gonçalo dance, which were brought by the firts families of the community. The quilombo Veiga is a mix of the cultures, Histories and traditions of different people who build the community through the their History.

¹Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

²Mestra em Educação Brasileira pela Univercidade Federal do Ceará (UFC).

In our visits and interviews in the community Veiga, we can know the History talking with the Veiga's elders about the preserved traditions and habits of the community, the first families, religiousness and challenges lived for their until today.

Key-words:

Quilombola culture, History, Tradition, African culture

Introdução:

Retratar o semi-árido nem sempre é falar de seca ou escassez de recursos naturais, mas é falar de tradição, cultura e raízes. Envolver esse ambiente a cultura quilombola nos remete a indagação de como preservar a identidade e cultura em meio a tantos desafios vividos pelas famílias e comunidades rurais do sertão central cearense nos dias atuais. Viver o contexto do sertanejo e ser levado a permanecer em meio aos longos períodos de seca e escassez é uma dura tarefa e escolha para cada sertanejo que vive e compartilha dos desafios do cenário do sertão central cearense. Localizado no centro do estado do Ceará, a região denominada de sertão central, abrange uma área de 15.678,40 km correspondendo a 12 municípios, dentre eles Quixadá, cidade com maior número de habitantes, considerada eixo econômico e universitário de toda a região do semi-árido cearense. Conhecida por seus longos períodos de estiagem e fluxo irregular de chuvas, o que gera o contínuo racionamento de água em todas as residências da região, principalmente na cidade de Quixadá, que tem como um dos agravantes além da estiagem, o relevo, qual apresenta um grande número de formações rochosas, chamadas monólitos, que circundam a cidade, formando uma barreira de rochas que circundam a cidade, podendo dificultar a formação de nuvens de chuva e a plena circulação do vento. A cidade, por sua vez, é conhecida como “carral de pedras”, devido a esse tipo de relevo. A vegetação é caracterizada pela caatinga, um dos mais ricos biomas brasileiros em diversidade de fauna e flora e muitos desses ainda inexplorados e desconhecidos pelo homem (CHACON, 2007). A caatinga é caracterizada por uma vegetação seca, retorcida e espinhosa devido aos longos períodos de escassez de água, que perde todas as suas folhas em grandes períodos de seca e que acarreta a perda do gado e da lavoura pela maioria dos sertanejos que tem sua estabilidade financeira dificultada pelos períodos de estiagem, perdendo grande parte ou a totalidade de seus bens e meios de subsistência neste período, o que também gera uma instabilidade no eixo econômico, baseado na agricultura e pecuária, em toda a região do sertão cearense. Seguindo as palavras de Furtado (1967, p. 69):

“O tipo da atual economia da região do semi-árido é particularmente vulnerável a esse fenômeno das secas. Uma modificação na distribuição das chuvas ou uma redução no volume destas que impossibilite a agricultura de subsistência bastam para desorganizar toda a atividade econômica. A seca provoca crise da agricultura de subsistência. Daí, suas características de calamidade social.” (FURTADO, 1967, p.69)

Esses são os principais desafios das comunidades rurais do semi-árido brasileiro e do sertanejo como um todo, se manter em meio as interperies do sertão e esperar sobreviver em meio a esses desafios ou migrar na busca de melhores condições de vida, sendo levados a abandonar sua cultura, raízes e tradições, iludidos por uma melhor condição de vida nas grandes metrópoles do país:

“O sertanejo se desloca para o meio urbano em busca de uma sensação de pertencimento que já não encontra no sertão. A imagem de pobreza e desamparo que se costuma ligar ao sertão pode ser vista agora nos aglomerados de pessoas que buscam um futuro melhor, perto do poder, nas cidades mais desenvolvidas. Esperam estar perto da ideia de paraíso, traduzida pelo desejo que a televisão e as parabólicas levam até eles todos os dias. Essas pessoas não tem acesso adequado a instrução e a informação que lhes permita uma visão crítica da fantasia que lhes é posta.” (CHACON, 2007, p.08).

Dessa forma, queremos retratar um pouco da vivência, história e cultura da comunidade quilombola Veiga em meio aos desafios do sertão central cearense em plena cidade de Quixadá, mostrando sua vida em comunidade, a preservação da tradição e identidade quilombola em meio a tantos desafios sociais e naturais. Vamos apresentar como é a vida em um quilombo em meio ao sertão central do Ceará, seus desafios e histórias contadas sobre o ponto de vista quilombola e acima de tudo, sertanejo.

Quilombo Veiga: conceitos, movimentos e religiosidade

A palavra quilombo e por sua vez, a sua etimologia tem sua origem na “língua Bantu umbundo, falada pelo povo ovimbundo, que se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África central” (MUNAGA, 2004, P.71). Na verdade, muito se tem encontrado sobre definições e conceitos sobre quilombo com muitas visões distorcidas e até mesmo eurocentricas sobre como se caracterizava e se caracteriza essa “associação de homens abertos a todos” (MUNAGA, 2004, P. 71), ou de homens livres que buscavam a liberdade através da associação comunitária, exercendo e

buscando sua cidadania e identidade juntos, seguindo modelos e “experiências coletivas dos africanos que foram trazidos para as Américas e seus descendentes” (RATTS, 2009, P.54) em uma forma de permanecer fiel as suas origens e raízes, vivendo sua cultura em liberdade e podendo construir uma melhor cidadania e futuro para seus descendentes. Dessa forma, a definição de quilombo vem a nossa mente quando pensamos e enxergamos a importância da cultura e cidadania para todos os povos e assim colocamos o negro como responsável por nos deixar como herança essa cultura que busca sua preservação e conservação de sua identidade dentro dessas comunidades ou associações de homens que se auto afirmam, buscam seus direitos juntos e vivem seus preceitos deixados pelos seus antepassados, concedendo como herança ao povo brasileiro um importante capítulo para sua história.

Além disso, apresentar a história de uma comunidade quilombola é mostrar um importante elo da cultura africana que compõe, por sua vez, um importante pedaço da total história e identidade afro-brasileira, sendo esta tão grande e rica. Mostrar o universo de apenas uma comunidade quilombola é apenas representar uma simples parte de um todo muito maior, representar um quilombo é mostrar apenas uma estrutura que por sua vez está “edificada sobre relações sociais tão complexas como qualquer outro modelo da sociedade” (MUNAGA, 2004) e que por isso, tem seu valor para a total valorização da cultura afro-brasileira no país.

O quilombo Veiga, localizado no sítio Veiga que dista 3km do distrito de Dom Maurício qual localiza-se a 30km da sede da cidade de Quixadá, região do sertão central cearense distante 167km da capital, Fortaleza, adquiriu sua certificação como comunidade quilombola em 09 de Novembro de 2009 e neste meio tempo tem lutado pela preservação de sua cultura e direitos como comunidade quilombola. A história dos Veiga está, por sua vez, enraizada na tradição religiosa do catolicismo, muito comum na região, sendo os fundadores do atual distrito de Dom Maurício padres beneditinos que fundaram no ano de 1938 o primeiro mosteiro da região que tempos após sua fundação foi delegado as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, instituição religiosa exclusiva para mulheres fundada no Pará em 1910 pela freira Imaculada tendo como co-fundador o padre Dom Amando, que nos primórdios da vila, hoje distrito, contribuíram para a educação e progresso do mesmo, sendo as freiras responsáveis pela educação primária e o cuidado com doenças e enfermidades de muitas crianças e famílias seguindo muitas gerações.



Ao adentrar o sítio Veiga, se tem a visão da pequena capela na frente da comunidade qual é ponto de início da mesma, marcando assim o símbolo da religiosidade e tradição católica da comunidade. Em nossa primeira visita, éramos um grupo de quatro mulheres que percorreu um longo caminho para chegar a comunidade e quando chegamos, em pleno mês de outubro de 2012, auge da estiagem sertaneja, visualizamos a pequena capela, qual somente depois, descobrimos ser dedicada a Padre Pio, santo italiano da região da Campania canonizado em 2002 pelo papa João Paulo II, sendo pouco conhecida sua história no Brasil e principalmente na região do Sertão Central cearense. Ao perguntamos sobre o porquê da escolha do santo para a dedicação da capelinha, Ana nossa anfitriã, salienta:

“A capela é resultado de uma promessa do benfeitor ao santo. Ele prometeu construir uma capela caso sua prece fosse atendida e necessitávamos de uma, mas como não tínhamos condições de contruí-la, aceitamos. No conheço, achamos estranho por não conhecer o santo, mas após conhecer sua história caracterizada pela bondade e o amor ao próximo ficamos mais felizes ainda.”
(ANA EUGENIA, Quilombo Veiga)

Logo após a capelinha, existe uma placa simples e rústica feita de madeira com os dizeres “praça mãe Luzia” dedicada à parteira da comunidade, figura célebre na história do quilombo e responsável pelo nascimento de muitas crianças da comunidade. Sua figura é lembrada com muito amor pelas famílias do quilombo. As casas se dispõem ao redor da praça, qual é simbolizada por uma grande árvore de seriguela, fruto típico da região Nordeste, e por outras casas um pouco mais afastadas localizadas dentro da caatinga e da vegetação da serra do Estevão, onde se localiza o distrito. Nossa conversa, traz a torna os desafios e conquistas do quilombo desde quando o mesmo ainda buscava sua certificação e era dita como comunidade negra rural. Uma das principais dificuldades da comunidade e da região como um todo é o acesso a água, que no período de secas

¹ Dom Amando e Madre Imaculada fundadores da Congregação das irmãs missionárias da Imaculada Conceição - Fonte imagem: <http://cicapela.blogspot.com.br/> - A congregação assumiu o mosteiro em 1910.

tem seu quadro agravado, obrigando famílias a depender de carros pipas para ter acesso a esse recurso natural precioso na região. Esse desafio, fez com que a comunidade conquistasse em 2005, quando ainda não certificada, o projeto para a construção de cisternas de placa pelo PDHC – Programa de distribuição de recursos hídricos do Ceará, o que amenizou a escassez de água, mesmo assim ainda existe a dependencia das chuvas para o total armazenamento de água potável para casa e lavoura nas cisternas.

2



Assim, como toda comunidade rural e sertaneja, a agricultura esta presente como principal eixo econômico e sustentável do quilombo. As terras não são de propriedade do mesmo, sendo cultivadas pelas famílias, que plantam milho e feijão, e pagam ao proprietário da terra um percentual para permanecer cultivando nas mesmas. Esse fato marca uma importante alteração na história do quilombo que plantava mandioca, mas teve que deixar de cultivá-la pois não dava lucro rápido aos proprietários da terra.

História quilombola no sertão central do Ceará

A história do quilombo Veiga é trazida para nós através dos mais velhos da comunidade que, por sua vez, também escutam de seus antepassados sua História contada e recontada para a preservação dos seus costumes e cultura, seguindo a tradição da oralidade africana, do ensinar através da contação de histórias:

² Capela dedicada a Padre Pio do quilombo Veiga.

“Dentro do universo africano a palavra emerge como fator ligado a noção de essência ou força vital pela forma do preexistente. A palavra pode aparecer como substância ou parte dos dons da força divina utilizada para a criação do mundo.” (CUNHA Jr. 2009, p.08)

Assim, a história contada que resulta nas 51 famílias que compõem o sítio Veiga, sendo 95% delas negras e de origens quilombolas, é trazida através das primeiras famílias que lá chegaram, sendo os Ribeiro, os Felipes, os Cabocos e por sua vez os Lopes, as primeiras famílias que chegaram ao Veiga.

Chiquinho Ribeiro, ou pai Chincano como era chamado, veio da comunidade de Alto da Cruz, atual Pau dos Ferros –RN, com sua esposa Maria Ribeiro, quem trazia consigo a tradição da dança de São Gonçalo, principal manifestação cultural do quilombo, e junto a eles os filhos Roseno, Piúdo, Guilhermina, João, Antônia e Luzia Ribeiro, cujo nascimento dos mesmos é desconhecido não sabendo se aconteceu dentro da comunidade ou não, assim como não se sabe o por que da vinda dos mesmos para a mesma.

Desde os primórdios da comunidade já era contada as dificuldades passadas pelos antepassados. Os desgastes com a falta de água já vinham desde seu início, assim como as dificuldades com a terra, calçados, vestimentas e transporte, obrigando muitos a percorrem toda a estrada rumo a Quixadá, ao todo 30km, a pé sem ter a condições de possuir nem ao menos um burro como transporte, conta uma das mulheres mais idosas da comunidade, Dona Socorro. Esse fato transcorreu até meados de 1996. Em época de inverno, onde as chuvas eram mais frequentes dentre toda a região formavam-se corrégos ou riachos formados pelas águas pluviais, o que amenizava os efeitos da seca, mas as condições sanitárias da mesma eram precárias por conter restos mortais de animais ou urina de sapo ou guaxinim, conta a senhora. As mulheres da comunidade possuíam roupas simples feitas de saco ou xita, saias e vestidos eram usados na época com o cuidado de não haver transparências, e por isso usava-se uma “combinação” que era um tipo de roupa de baixo ou anágua usada por debaixo da roupa das mulheres. As roupas, assim como os calçados passavam de parente para parente e as ocasiões especiais as mulheres se produziam se adornando e utilizavam-se de rituais de beleza usando como cosméticos banha de porco e óleo de coco catolé para deixar os cabelos macios e brilhantes, estando prontas para ir a missas, forrós e casamentos.

Assim, como em outras comunidades quilombolas, a mandioca era o principal alimento na mesa das famílias do Veiga em seus primórdios. A mandioca era cultivada juntamente com outras culturas como milho, feijão e fava, essas ainda cultivadas pela comunidade, tendo uma casa de farinha de propriedade de Chico Lopes para a produção de farinha de mandioca ingrediente para pratos como bejú e mingáus. Essa tradição foi extinta da comunidade tempos depois, devido a proibição dos

donos da terra para o cultivo da mesma, justificando que se demora para colheita, portanto sem lucros rápidos.

As crianças da comunidade eram criadas com leite de cabra e com mingáus feitos a partir da farinha de mandioca. Entretanto, muitas doenças e calamidades eram sentidas na época. Males como a doença dos sete dias, em que a criança agonizava e gemia durante sete dias até a morte, febre amarela, tuberculose, caxumba dentre outras eram frequentes e muitas vezes tratadas pelas irmãs do mosteiro do distrito, pois não haviam médicos e cuidados em toda região.

Muitos costumes e crenças do povo sertanejo marcam a história dessa comunidade. Uma delas é a crença de não poder dormir após comer por temer risco de vida ou de ficar louco ou que mulheres menstruadas não podiam tomar banho por sete dias ou comer porco pois os mais velhos acreditavam que fazia mal e agravava o quadro. O costume que permaneceu como legado na comunidade foi a solidariedade das famílias que, até hoje, dividem os alimentos uns com os outros em partes iguais como faziam seus antepassados.

3



³ Primeira visita realizada ao quilombo Veiga em outubro de 2012.

A dança de São Gonçalo e a autoafirmação quilombola

A dança de São Gonçalo é uma homenagem ao santo católico e é feita em reverência ao mesmo. Como a única religião que existiu na comunidade foi a católica, a dança era tirada todas as vezes que uma promessa deveria ser paga. A primeira mestra de cultura foi Maria Ribeiro, quem trouxe a dança consigo para o quilombo, e hoje a dança é conduzida pelo seu bisneto Joaquim Ribeiro e envolve homens, mulheres e jovens da comunidade.

A dança originou-se com Gonçalo, um homem que acreditava que as mulheres iriam se “perder”, desviando-se dos caminhos de Deus, e inventou a dança para que elas passassem o dia inteiro dançando e assim a noite estavam tão cansadas que não saíam mais para os bailes. Dessa forma, São Gonçalo salvava essas mulheres da perdição através da dança e após sua morte as mulheres passaram a dançar-la para pagamento de promessas ao santo, conta Joaquim atual mestre de cultura da comunidade.

A dança é composta por 12 mulheres, seis de cada lado, mais dois homens, um que toca violão e outro tambor, este feito por Roseno Ribeiro sendo deixado para Zé Roseno que deixou para Joaquim quem continua a dança. Para que a dança seja realizada na íntegra, são necessárias 12 jornadas que simbolizam um rosário e seus mistérios para a pagação de promessas, levando o dia inteiro para a conclusão da mesma. Existe a troca das dançarinas e as jovens da comunidade molham o terreiro (terra) durante a dança para que as mulheres não se machuquem durante a jornada. A tradição está sendo repassada para as crianças da comunidade com a formação de grupos pelas lideranças que repassam e ensinam o significado da mesma para a preservação e conservação da tradição que já dura um século, desde da chegada “dos Ribeiro” na comunidade. A dança é considerada patrimônio cultural da comunidade e do município de Quixadá, sendo registrada pelo documentário “O Joaquim” sob a direção de Márcia Paraíso e ainda estampa as páginas do livro de Miguel Van Ber intitulado “Quixadá, Terra dos monólitos”.





A dança de São Gonçalo é “tirada” apenas duas vezes no ano pela comunidade em duas ocasiões especiais: no dia de São Gonçalo em homenagem ao santo e no dia 21 de novembro dia da consciência negra, data que a comunidade festeja durante uma semana com jogos, desfiles da beleza quilombola e danças.

O São Gonçalo é uma festividade religiosa que contém elementos que podemos considerar específicos das africanidades ou afrodescências. O “catolicismo de preto” é uma categoria que difere das práticas católicas tradicionais europeias praticadas nas comunidades afrodescendentes. No “catolicismo de preto” várias festividades religiosas apresentam cortejos, com indumentárias e danças típicas das tradições africanas no Brasil e nas Américas.

“A memória dos grandes festejos de São Miguel é uma demonstração inequívoca de que a condição de escravizados não era suficiente para sufocar a capacidade de criação cultural em meio à escravaria. Do terço das almas, passando pelas profissões do divino até os grandes bailes na comunidade, se desenvolveu toda uma densa trama cultural que, desde a escravidão, conferiu importante suporte para a autonomia do grupo.”(ANJOS, 2004, p.5)

Faz parte das expressões católicas semelhantes como as Congadas, moçambique, Reisados, também as procissões do divino, os festejos de São Benedito e Marabaixo, todos possuem estruturas de organização semelhantes e distintas das prossições europeias ou eurodescendentes.

As festas afrodescendentes são um conjunto de festas religiosas que possuem desde os procedimentos religiosos e de religiosidade camuflada ou pouco explícitas. A religiosidade pode

⁴ Dança de São Gonçalo do Quilombo Veiga – Fonte: Diário do Nordeste

ser de expressão fortemente de base africana como a festa do Candomblé e da Umbanda ou as expressões africanas mais atualizadas (SANTO, 2010). Contudo todas tem como elementos importantes, a teatralização, a dança e os cortejos. Quando tratamos do São Gonçalo estamos falando de uma festa que se repete em outras comunidades de maioria negra e salienta a estrutura do catolicismo de preto na cultura e História brasileiras.

Referências Bibliográficas

ANJOS, José Carlos dos / SILVA, SERGIO, **Baptista da. São Miguel e Rincão dos Martinianos: ancestralidade negra e direitos territoriais.** Porto Alegre: editora da UFRGS / Fundação Cultural Palmares, 2004.

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido.** Fortaleza: BNB, 2007. Série teses e dissertações. Vol. 8. Disponível em: : http://www.bnb.gov.br/projwebren/exec/livroDetalhe.aspx?cd_livro=20
Acesso em: 20 mar 2013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **História e Cultura africana e os elementos para uma organização curricular.** Texto Disciplina Pós-graduação, Fortaleza: 2009-2.

FURTADO, Celso. **Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste.** 2.ed. Recife: Sudene, 1967.

MUNAGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Global: Ação educativa, Assesoria, Pesquisa e Informação, 2004.

----- . **Origem e histórico do quilombo na África.** In: Dosiê do Povo Negro – 300 Anos. Revista USP n.28. São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social/ EDUSP, 1995.

RATTS, Alecsandro J.P. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas.** Fortaleza: Museu do Ceará: Secult,2009.

SANTOS, Marlene Pereira dos. **Festas, danças e história de terreiro em Fortalea.** Fortaleza: Monografia de Especialização – IFCE-CE, 2010.

_____. **Incursões na história e memória da comunidade de quilombo de Alto alegre – Município de Horizonte – CE,** 2012.